

Urdiduras do diverso em horizontes éticos e estéticos na literatura para a juventude

Fabrics of the diverse in the literature for youngsters ethical and aesthetic horizons

MARIA ZILDA DA CUNHA*

Resumo: Neste artigo, coloca-se em discussão como histórias míticas, endereçadas ao público adulto, podem dinamizar a literatura para crianças e jovens, contribuindo para a formação da identidade cultural, como postulado por Stuart Hall. Para tanto, toma-se o conto *As mãos dos pretos* de Luís Bernardo Honwana, narrativa que desconstrói o mito bíblico da criação do homem e que interpõe a questão identitária do negro.

Abstract: In this article it will be discussed how mythical stories addressed to adult audience can activate the literature for children and youths, contributing to the formation of a cultural identity, as postulated by Stuart Hall. To do so, the short story *As mãos dos pretos* – by Luís Bernardo Honwana – will be examined like a narrative that deconstructs the biblical myth of the creation of man and brings the issue of black identity.

Palavras-chave: Literatura para crianças e jovens, estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, questões de identidade

Keyword: Literature for children and youths, Lusophone comparative studies, identity issues

* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. mariazildacunha@hotmail.com

O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas. (BARTHES, 2008:20).

O texto literário tem potencialidades prefiguradas em sua instância polissêmica, plural e de tessitura híbrida, desse modo, possibilita formas de sensibilidade que podem encarnar-se por meio de imagens, diagramas e de metáforas no cinema mental da imaginação leitora ou em linguagens manifestas em forma de novos textos.

A fruição da obra artística requer por parte de seu leitor uma disponibilidade de qualidades de sentimento, meigas e aparentemente ingênuas, mas que, por sua vez, como parte de uma razão lúdica, criativa, de uma razoabilidade concreta¹, vão exigir, por isso mesmo, serem compreendidas. Portanto, essas qualidades de sentimento provocam, de algum modo, vigorosa simpatia intelectual e uma constante busca da inteligência daquilo que está ali: cifrado no enigma do verbo.

Essa capacidade de sensibilizar leitores, essa capacidade de desafiar o intelecto a perscrutar articulações que se escondem no jogo do verbo, desdobram-se em diversas formas e inúmeros estilos que vão engendrando em palimpsesto uma extensa rede discursiva, a qual abarca em seu tecido, elementos do passado e do futuro enovelando-os no efêmero do presente. Nessa tessitura há sempre um convite para se descortinar saberes, desconstruir o que está pronto e reengendrar múltiplas compreensões.

Aceitar esse convite, como leitor, é dispor-se ao encanto do encontro, uma vez que a literatura fala de nós para nós mesmos. Em suma, a Literatura em sua amplitude fala da tessitura humana que se configura ao longo da história em diversas eras civilizatórias, em diferentes formas de sociedades e diversas

¹ Razoabilidade concreta é a denominação utilizada por Charles Sanders Peirce para uma razão em crescimento, uma razão criativa, que está sempre em busca da verdade, uma verdade sempre movente.

culturas. Projetando seus raios de ação para além da História, literatura é força criadora que inexoravelmente se depara com a força indômita da linguagem, cifrando fragmentos de uma historicidade perdida. Porque cifra, em cada obra literária refletem-se todas - a vertigem do *Aleph*. Cada ato de leitura² suscita a necessidade de se apaziguar essa vertigem, propiciando formas de puxar fios tramados e (re) tecê-los em reflexões mais densas que envolvem nosso ser e estar no mundo.

Nelly Novaes Coelho, comentando sobre o ato de ler, diz que toda leitura consciente, ou inconscientemente, que se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido resultará

na formação de determinada consciência de mundo do leitor; resultará na representação de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infundável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre. (COELHO, 2009: 50).

Seguramente, a experiência da leitura carece de ser exercida, apreendida, orientada e constantemente desenvolvida para que um leitor possa se apropriar efetiva e autonomamente desse ato; possa entrar em sintonia com os mais diversos projetos estéticos e políticos de autoria, diferentes tipos de obras e acessar a complexidade inscrita na dinâmica da escritura.

Essas são premissas norteadoras de investigações que vimos realizando em nosso grupo de pesquisas sobre a produção literária e cultural destinada a crianças e jovens e, por conseguinte, sobre a formação do leitor literário.

Perspectivando uma interlocução com educadores, não deixamos de considerar a dificuldade que nós, professores, sentimos para motivar a leitura literária com os jovens. A despeito do fato de o mercado editorial de recepção juvenil ter crescido significativamente, nos últimos anos, afirmações como a de que na passagem para a adolescência, perdem-se leitores são recorrentes. A adolescência, assim como a infância, na visão de P. Ariés, é uma construção social, das

² Processo cognitivo que exige esforço de abstração e de interpretação à medida que faz refletir sobre temas e situações da vida.

sociedades modernas, desse modo, o interesse pela reflexão por essa etapa de vida é algo relativamente recente, inaugurando ainda reflexões mais acentuadas a respeito e, por conseguinte, sinalizando apenas poucas orientações para a educação dos jovens atuais.

Há ainda desafios que orbitam uma questão como a qualidade dos livros ou uma seleção de obras mais adequadas a esse público ou a forma como a literatura é concebida e conduzida no trabalho pedagógico. Além disso, não se pode perder de vista o contexto contemporâneo e a inaudita revolução tecnológica que providenciou a multiplicação de linguagens em novos suportes, inaugurou novas modalidades textuais e vem propiciando formações sociais, econômicas, políticas e culturais jamais experimentadas. Contexto, no qual, motivações mais profundas ocorrem como a consciência da inconstância do universo, a profunda transição paradigmática que vivenciamos e o testemunhar do enfrentamento de nossos jovens com uma sociedade que perdeu valores e referências que a sustentavam e vem buscando engendrar modelos constitutivos que ainda não chegaram a termo.

A consciência da complexidade que envolve a problemática exposta não tem levado a anacronismos, mas levado a pensar utopicamente: momentos caóticos fazem emergir possibilidades - possibilidades de reorganizações - por vezes mais refletidas, mais conscientes e consequentes, práxis, talvez, mais apropriadas para organizações mais justas e humanas. José Nicolau Gregorin Filho, ao referir-se a produções que recebem a classificação de obras para a juventude, diz que essas

devem ser observadas como textos cujo objetivo principal é expressar experiências humanas de cunho existencial/social/cultural, numa construção estética (literária) apropriada à experiência de vida e a um tipo de linguagem específico de seu público-alvo. (GREGORIN FILHO, 2011:65).

Propõe ainda o mesmo autor que, ao se focar uma obra literária para criança ou jovem, é fundamental assumir-se a mesma postura utilizada para a análise de uma obra de arte, reconhecendo estar diante de um olhar do homem perante uma experiência social e cultural vivenciada num determinado contexto de sua produção, e ter-se a clareza de que o texto, por sua vez, dirige-se a um interlocutor adolescente com o intuito de expressar esse “olhar o mundo” (GREGORIN,

2011).

Acreditamos, em consonância com esse pesquisador, que é sob o signo da pós-modernidade, do enfrentamento e da reflexão, que se torna possível levar o jovem a olhar o mundo, olhar benjaminianamente, como um mago que recolhe restos da história e dá novas ordenações; com um olhar que possa ser promissor para o futuro e sem medo algum de enfrentar a mudança.

A análise, a que se propõe, enfatizará, a desconstrução de um mito, a afirmação identitária e, a maneira como os contos para adultos podem dinamizar a literatura infantil e juvenil. Dentro da moldura teórica dos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, tomam-se de empréstimo conceitos de paráfrase e paródia; noção de dessacralização, apropriação – processos a partir dos quais se engrossam as tímidas veredas dos sistemas literários produzidos nas ex-colônias portuguesas. A apropriação é uma forma de dessacralização da obra de arte – quando o artista, de forma intencional, inverte satiricamente o significado de um signo cultural. No âmbito da produção literária e da crítica, isso seria uma forma de superar o legado que Fanon (1968) considera um dos mais cruéis do colonizador sobre o colonizado: a imagem negativa de si mesmo, que lhe foi imputada. ___

Nessa ordem de ideias, vale salientar que dos estudos comparados derivam princípios que têm como singularidade identificar como se manifestam as relações, que um dia foram impositivas e hoje podem ser vistas como igualitárias, tal é o caso das literaturas de Língua Portuguesa - ou se quisermos – as que pertencem a um macrossistema literário (ABDALA JÚNIOR, 2003). Essa é uma perspectiva que se insere no tempo, isto é, projeta-se para o futuro. Assim, passa pela questão do fazer literário enquanto manifestações e ações utópicas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva prospectiva. Tal prospecção implica comprometimento com a modernização – isto é, transformações com implicações políticas. Nesses termos, o autor detém consciência do risco histórico.

No desenvolvimento desses estudos torna-se muito rico o conceito de intertextualidade, o diálogo que coloca secretamente ou explicitamente, em relação, aspectos de outros textos e contextos, fios de que se tecem imaginários e representações. Escrever é sempre dialogar; assim, o leitor tem sempre importante papel. Ao escritor cabe, na escritura de seu texto, por meio de redundâncias, repetições, para efetivação desse diálogo, ter eficácia comunicativa.

Esses conceitos permitem defender, no próprio ato de fazer-se, a pertinên-

cia do comparativismo, como método e interpretação de obras pertencentes ao macrossistema.³

Nesses termos, as condições que aproximam experiências, as culturas, as literaturas dos países de língua portuguesa, mais do que geográficas, são antropológicas. Uma espécie de ecologia cultural, em outras palavras, algo que vai sendo construído historicamente e dinamicamente, como um traço de união entre os países de língua portuguesa.

Tal ponte tem fortalecido a circulação de modelos de ruptura, motivando similaridades ideológicas e fortes traçados e tramas estéticas como recursos literários. A ecologia cultural, que resultou da imposição colonial e do escravismo, criou uma situação de fato e vem sendo historicamente resgatada em favor de um estatuto democrático e humanístico.

Para o recorte deste trabalho, selecionamos do moçambicano Luís Bernardo Honwana a obra *As mãos dos pretos*. Esse conto desconstrói o mito bíblico da criação do homem a partir de um único barro com que Deus teria feito Adão e interpõe a questão identitária do negro.

Uma criança protagoniza a história e é movida pela curiosidade. Ao indagar, são histórias e histórias que vão surgindo, cada ser interrogado responde com uma versão diferente, negando a anterior. Desse modo, forma-se um compósito narrativo, em histórias de encaixe, ou quiçá, um compósito de hipóteses explicativas, de ideias, de crenças que se sobrepõem em palimpsesto.

Nota-se uma forte procura de argumentos de autoridade, que, no confronto, são falseados. São convocados os santos, conclave de anjos para dar credibilidade à história de que o preto foi feito a partir do barro em moldes. Há aqui uma atualização do mito da criação. Se no mito Deus fez o homem com o barro, aqui, já não é uma obra exclusivamente divina, mas de uma comunidade celeste⁴.

³ Macrossistema literário – cunhado por Abdala (2003) com base em Antonio Candido (1975) - deriva da compreensão de uma dinâmica que envolveu historicamente constantes semelhantes da série ideológica. O macrossistema é marcado por um campo comum de contato entre sistemas literários nacionais como os de língua portuguesa, que têm um passado comum e diferentes atualizações. Na atualização, engendra uma força dialética e, na contramão, promove a convergência de tradição e ruptura. É um conceito operacional e estratégico politicamente (Abdala, 2007).

⁴ Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais.

O narrador-personagem insere-se no conjunto de leitores, ele também teria lido uma história em um livro, o que sugere o poder da ficção, o menino confronta sua suposta verdade com as verdades que ouve sobre a origem dos pretos.⁵

Por fim, é na mãe que ele acredita, cuja explicação humaniza, redime, quando ela diz serem todos os homens criados por Deus.

Na explicação da mãe, tem-se um fio de humor, também de ironia, tem-se em especial sabedoria e o revelar na educação do filho a transmissão de uma tradição de casa, da família, algo muito próprio nas sociedades tradicionais africanas. Nos discursos das pessoas brancas, no entanto, os elementos ligados à religião articulam-se de modo a impor outra cultura que coloca os pretos como protagonistas de histórias nas quais eles estão coisificados, em histórias em que são objetos e não sujeitos. É um processo de desumanização do negro, que nasceu para servir, que lava bem as mãos para não sujar nada do que toca na hora de servir ao senhor branco, de quem é escravo.

A mãe, ao servir-se de suas crenças, de elementos de sua cultura, ao rir com as explicações e invenções dos outros, projeta uma resistência cultural e, ironicamente, opõe-se à cultura do outro, apegando-se às próprias hipóteses e explicações. Ao fortalecer seus valores para rejeitar os valores do outro, ela reforça sua identidade.

Segundo Hall (2006), a identidade não é fixa e unitária, é móvel, múltipla,

Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra dos homens.... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. ” (Honwana, 1972)

⁵ Já nem sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. (...). Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser por que é que eles têm as palmas das mãos assim tão claras. (...). Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e demais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos desbotarem à força de tão lavadas. (Honwana, 1972)

contraditória, até porque somos compostos de várias culturas, e de várias identidades, posto que interagimos com diversos mundos culturais. O fortalecimento dessa identidade é fundamental no conto, ela quase explode de rir “daquelas aldaibrices”. Há um fortalecimento da personagem, como elemento estrutural da narrativa, e de sua identidade. Ao impor, com sua fala, a valorização do ser, a igualdade do homem, que tem a ver com os valores culturais em que acredita, ela se contrapõe à cultura do outro e fortalece sua própria identidade como negra.

Essa é uma questão bem colocada por Stuart Hall, quando diz que as trocas culturais forjam novas identidades e apegar-se à tradição e à sua própria cultura é uma forma de resistência cultural que fortalece a identidade. Nesse conto, isso ocorre de modo exemplar. A mãe não fala no mito da criação, ela simplesmente fala na criação, oferecendo uma explicação que coloca os homens em um mesmo plano de importância dentro da criação. Na narrativa, sua voz surge como a voz da sabedoria. É essa sabedoria que será reconhecida pelo menino que vai acreditar justamente na estória da mãe, que lhe pareceu a melhor, que ela tem mais razão. Ao perceber isso, ele está forjando sua identidade cultural com os valores culturais da família. De certa forma, eles estão se protegendo culturalmente.

A memória de um passado ocupa mais espaço que o presente e a ele se mistura, entre o vivido e o miticamente reordenado emerge dos elementos de que o texto se nutre uma vivência lúdica, subjetiva, e que ao mesmo tempo expressa angústia. Essa tensão tem uma feição lírica. Essa organização através da memória, essa visão infantil, quase ingênua, faz da palavra uma cúmplice nesse roteiro de inventar outro texto. O conto destece os mitos de criação do homem, em suas versões religiosa, iorubá, do saber popular, desconstrói a hipótese da ciência sobre a teoria evolucionista. Coloca em xeque autoridades do saber, revigora uma hipótese marxista. Legitima a voz materna, (ou da mátria) sensível, segura. Assegura ao mesmo tempo a responsabilidade do homem.

Na perspectiva que adotamos alguns pontos merecem destaque. Em primeiro lugar, nega-se que haja uma literatura paradigmática. Os fragmentos das culturas tradicionais são articulados apenas para atualizações progressistas. Em segundo lugar, revê-se a questão da negritude, para a compreensão de sua formação mitológica.

Para o intelectual negro africano, a negritude é uma formação mitológica ne-

gra para contrapor-se à formação mitológica branca. Uma perspectiva equivocada que desconsidera o fato de que: “Os negros não foram colonizados porque são negros, ao contrário, na tomada de suas terras, na expropriação de sua força de trabalho, com vistas à expansão colonial, é que se tornaram pretos”. (MUNANGA, 1978: 444)

Na esteira do que assevera Kabenguele (1978), é possível retomar o que diz Fanon (1968) sobre a criação de uma imagem negativa de si mesmo “que lhe foi imputada” – e depreender que ambas as ideias fazem referência aos diversos processos sociais de expropriação do homem pelo homem, e que, afinal, instiga a hipótese de que, se para o colonizador uma primeira ameaça é contra o *self* – aquele medo de uma identidade originária com o outro, isto é, de se ver vendo; para subjugar, então, ele tem de reforçar a exterioridade do objeto e tem de domesticá-lo; para tanto, torna-o um não outro – uma condição de inferioridade, até mesmo um signo de inumano.

A História, em sua dinamicidade, no entanto, revela muitas facetas. A sociedade contemporânea é marcada pela crise de referências, de valores – marcada pelo conflito e pela diversidade. Eis uma sociedade que coloca a si mesmo como objeto de pesquisa. Enfrentam-se crises: da verdade, do sujeito, do tempo e do espaço. Tudo isso recoloca a relação com o outro.

O outro pensado, concebido como objeto e que tem sido excluído, desterritorializado do espaço da humanidade; humanidade, aliás, criada pelo sujeito ocidental, que é ele mesmo a referência dentro dessa realidade por ele criada. O outro insiste e insurge. Essa insurgência contra a opressão reivindica uma revolução que começa pela preservação do mundo e do homem. Esta época significa a implosão do projeto da modernidade racionalista, iluminista, e também a implosão do colonialismo. O próprio Ocidente pulveriza-se. Depara-se com o desaparecimento da certeza de Deus, da História e dos grandes símbolos unificadores. A perda dessas referências resulta em um vazio que inclui a dimensão social.

Diante desse panorama, reconhece-se ser o mundo nomeado pelo homem ocidental uma imagem construída para ele mesmo. O mundo tornou-se fábula. Fabular, narrar fatos e feitos reais ou imaginários, no entanto, não significa crença ingênua ou relativismo absoluto, mas disposição para compreender o mundo. Ao se perceber que o mundo também é a narração que dele fazemos, pode-se entender que narrar o mundo é contar a experiência de vida do ser humano. A

narrativa é lugar de produção de sistemas simbólicos. Enquanto o mito inaugura a linguagem e revela certa compreensão do mundo, a busca do verdadeiro torna a narrativa plural, múltipla.

As narrativas são humanas e humanizadoras. As narrativas humanas, então, tecem-se de múltiplas vozes. Há vozes silenciadas que, na semiose histórica, encontram formas de expressar sua identidade, e os modos de serem ouvidas tornam-se discursos capazes de revelar outras, novas e importantes dimensões da humanidade.

As mãos dos pretos é um conto de Luis Bernardo Honwana, publicado em 1972 no livro *Nós matamos o cão tinhoso*. Em sua leitura, constata-se ser a composição uma espécie de relato cujo fio narrativo é tênue, uma espécie de monólogo entrecortado por muitas vozes narrativas. A fala estilizada, a ausência de pontuação promove a fusão de pontos de vista. São múltiplas visões que aparentemente se complementam, mas na verdade, confrontam-se, (num processo de montagem conceitual eisensteiniano), detonam reflexões, são possibilidades narrativas que, nas relações e enfrentamento de ideias, movem uma possibilidade dissertativa, engendrando forte argumentação.

Considerações finais

O sonho do menino é saber, e sua voz é de quem não se cala, recusando-se a permanecer passivo. Mostra sua relação com a verdade e, em seu discurso, há a vontade de posse, a ousadia de buscar. Sua fala aparentemente ingênua traz o direito à utopia e, mais do que tudo, um sujeito que tem extremo cuidado com si próprio. Se o conto não abre a possibilidade para que haja um total entendimento - ou uma mudança imediata na sociedade em que se vive - suas questões abrem possibilidades para um futuro menos sombrio, com mais consciência. Verificam-se modificações substanciais no modo linguístico e estrutural da narrativa e no articular da forma literária. O conto se apropria do mito; assim, colocam-se em xeque pretensas verdades e crenças, dinamiza-se a história, multiplicam-se as vozes.

Essas modificações apontam para uma subversão, quer seja desencantada ou engendrada às novas realidades (geo) políticas, sociais e culturais que se descortinaram a partir da queda dos antigos impérios, no quartel do século XX,

adentrando com resistência o século XXI, gerando produtos culturais com características renovadas, que dificilmente poderiam ser bem compreendidos mediante categorias críticas anteriores ao seu aparecimento. Por isso, acreditamos imprescindíveis esforços renovados de pesquisa para que se possam postular, diante dessas novas realidades, mais apropriadas categorias críticas para compreendê-las.

Ao fim e ao cabo, importa lembrar que os estudos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começam a ganhar terreno, entre nós, seguramente, muito antes da Lei 10639 de maio de 2003. Lei, que instituía a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar do ensino fundamental e médio no Brasil e que culminou com a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (julho/2004a), colocando a Literatura Infantil e Juvenil como uma das possibilidades de trabalho. Mais exatamente, em meados dos anos 70 do século passado, na Universidade de São Paulo, na UFRJ e na Unicamp já se faziam avançar estudos sobre Literatura Africana de Língua Portuguesa, buscando introduzi-los no diagrama da literatura ensinada no Brasil.

O interesse, antes circunscrito praticamente à área universitária, ganhou força e amplitude progressiva. Efetivamente, a partir da Lei, da necessidade de o mercado editorial adaptar-se à demanda que ela motivou e das possibilidades de trabalho com a Literatura Infantil e Juvenil que abordasse a temática africana, o trabalho com a Literatura Infantil e Juvenil produzida por autores africanos foi grande incentivo às pesquisas no âmbito da educação e da literatura para crianças e jovens que estivessem ligadas a tal assunto.

Do que temos notícias, as investigações, grosso modo, não desconsideram o peso da História, o qual traz de forma recorrente à memória: as relações de brancos e negros tecidas por um período de escravidão, do qual há desdobramentos; o trânsito além-mar, em que figuram idas e vindas de produtos, de pessoas e idas e vindas de ideias; o império português, a situação colonial, os impasses e trocas; a busca da autonomia política e cultural; a libertação linguística e o sentido da modernidade; a crise da verdade, do sujeito e a relação com o outro. Como elite intelectual, foi aos escritores que coube o papel de gerir um capital simbólico, que, de certa forma, recobrisse as fraturas e as marcas da cisão e descontinuidade impostas ao longo do tempo aos países africanos de coloniza-

ção europeia. Esses países inventados pelo império colonial e pelo capitalismo defrontam-se hoje com situações específicas que precisam ser compreendidas no contexto das relações internacionais. A especificidade do lugar que ocupam justifica o desassossego dessa elite cultural que busca responder às indagações postas pela urgência de cada etapa histórica.

Esse caráter de urgência recobre uma vida gerada no interior do sistema colonial e abre possibilidades para a construção de um patrimônio cultural no qual não pode ser minimizada a condição de resistência. A resistência como sentido essencial na maneira de estar no mundo e luta pela construção de identidade nacional.

É sob o signo da resistência que diversas obras para crianças e jovens se alinham a obras adultas, condensando-se nos exercícios da imaginação. Dessa forma, acabam por fazer da apropriação criativa, da subversão, estratégias contra a paralisia de uma realidade avessa ao sonho e à esperança.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR, Benjamim. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- _____. *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 5ªed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
- CHAVES, Rita. A formação do romance angolano: entre intenções e gestos. *Coleção Via Atlântica*. São Paulo: FFLCH/USP, nº1, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*, Ed. Moderna, 2009.
- CUNHA, Maria Zilda. *O confluir do estético na literatura infantil e juvenil contemporânea: caminhos para um metaconhecimento*. São Paulo, USP, 2010. (Relatório CERT. II)
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo, Melhoramentos, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 2006.
- HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão tinoso*. 2ª ed. Porto: Afrontamento. 1972.
- MUNANGA, Kabengele. A antropologia e a colonização africana. In *Estudos Afro-asiáticos*. Rio de Janeiro, Candido Mendes, Ano I, 1, jan/abril. 1978, pp. 444-448.